

# Com a família na rua, a esperança continua!



» DIOCLÉCIO CAMPOS JÚNIOR

Médico, professor titular emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), membro titular da Academia Brasileira de Pediatria e representante da SBP no Global Pediatric Education Consortium (Gpec) E-mail: dicamposjr@gmail.com

As manifestações populares ocorridas no último dia 13 foram monumentais. Mais de 3 milhões de pessoas decidiram ir às ruas para protestar contra a profunda crise que abala a estabilidade do nosso país. A maior já ocorrida na história do Brasil. Não houve tumultos, violências e agressões físicas, nem confrontos ou vandalismos que marcaram mobilizações feitas nos anos anteriores. Trata-se, sem dúvida, de grande avanço na consciência do povo brasileiro. Revela o amadurecimento de princípios verdadeiramente democráticos que devem fundamentar iniciativas dessa natureza. A postura comportamental de uma nação só adquire respeitabilidade relevante quando fundada no teor pacífico de seus propósitos. Se deturpada pelo sotaque da brutalidade selvagem, a fala do povo na rua não saberá expressar, com a indispensável clareza humana, os pensamentos que justificam as reivindicações em nome das quais os cidadãos se mobilizam.

O cenário das recentes contestações, ativado pelas vivas cores verde e amarela de que se revestiam os participantes, foi o mais autêntico nesse sentido. Inspirou-se nas tonalidades que enriquecem simbolicamente a bandeira nacional. Reuniu pessoas de distintas faixas etárias, isentas de partidário político, livres de fundamentalismos sindicais, equilibradas nos gestos, criativas nos jargões. Manteve a atmosfera despoluída de fanatismos ideológicos, mais facilmente respirável no exercício do livre pensar. Consagrou-se, por isso mesmo, como modelo exemplar para a expressão democrática das

vozes e anseios que devem pulsar na alma da cidadania.

A surpreendente originalidade dessa manifestação foi a presença participativa da criança. As imagens divulgadas trouxeram à tona o dócil ativismo infantil que enriqueceu, a olhos vistos, a dinâmica das passeatas que se sucederam horas a fio. Meninos e meninas corriam, brincavam e sorriam, imbuídos da mais pura sintonia com os gestos e emoções de seus pais. Eram os rostos mais lindos, os olhares mais fidedignos e os delicados traços da felicidade que se estampava na alegria do semblante de quem cultiva sonhos e alimenta esperanças no sublime universo da infância.

Desempenharam o nobre papel de um coração humano vibrando no cerne de um ato público, função que merece ser valorizada como fonte inesgotável de virtudes que estão acima de interesses menores. São as únicas e preciosas rotas que a sociedade precisa percorrer em busca das sístoles e diástoles necessárias aos avanços evolutivos insubstituíveis. Infelizmente, nunca foram consideradas por qualquer governante, razão pela qual chegamos ao fundo do poço de onde não será possível sair por meio de salto milagroso.

Como o atual governo se encontra em fase terminal, os próximos dirigentes do país necessitam refletir sobre os pleitos claramente legíveis no significado da esplendorosa linguagem pueril que tanto iluminou as turbas concentradas nas ruas para os devidos protestos. São inquestionáveis prioridades que se arrastam sem os merecidos investimentos.

As crianças requerem espaços urbanos seguros, adequados à complexa fase existencial que atravessam, a fim de que possam interagir livremente com amigos, colegas, vizinhos. Não devem viver confinadas nos pobres e restritos recintos residenciais, como se estivessem em prisão domiciliar cumprindo pena pelo crime de ser criança. Não podem mais ser usadas e abusadas na condição de garotos-propaganda das empresas que exploram a imagem de tais criaturas com o objetivo de vender produtos e modelar o perfil consumista das novas gerações. É uma modalidade de trabalho infantil tão inaceitável quanto as demais.

A infância faz jus a um universo escolar concebido de acordo com suas peculiaridades fisiológicas que supõem componentes lúdicos e artísticos tais como música, teatro e leitura, desenvolvidos sob a refinada maestria de pedagogos vocacionados. As escolas, no cumprimento da missão que lhes cabe, devem ser projetadas na integralidade dos componentes que lhes são essenciais. Não apenas os espaços físicos, que precisam ser redesenhados à altura da dimensão que a infância possui, mas também a qualidade do exercício do magistério, a ser considerado como a profissão mais importante para que a sociedade atinja o padrão educacional sem o qual não se pode falar em Estado de Direito. São medidas inadiáveis para a ruptura com o imediatismo governamental em favor da sólida construção de uma sociedade brasileira realmente igualitária, justa e humana. Com a família na rua a esperança continua!